

Levitas e sacerdotes: conflitos e busca do controle no templo na cidade de Jerusalém nos séculos VII/V AEC.

Rogério Lima de Moura¹

Resumo

Esse artigo propõe demonstrar o começo dos conflitos pelo domínio religioso entre os sacerdotes do interior provenientes do reino de Israel (levitas) ao norte e os sacerdotes do reino do sul, provenientes do centro judaíta (sadoquitas). O nosso recorte histórico para este estudo serão os séculos VII/V AEC. Com o rei judaíta Josias, no VII AEC, começa-se a centralizar o poder religioso e econômico em Jerusalém que acarretará no período do segundo templo (515 AEC) na centralização de poder nas mãos do sacerdócio sadoquita.

Palavras – Chave: Sacerdócio; Reforma de Josias.

Abstract

This article proposes to show the beginning of the conflicts for the religious dominance between the inside priests from the Northern kingdom of Israel (Levites) and the priests of the Southern Kingdom, from the Judahite Center (Zadokites). The historic time-frame for this study lies between centuries VII/V BCE, with the Judahite King Josiah, in the VII BCE, beginning the centralization of the religious and economic power in Jerusalem, that will result in a centralization of the power in the hands of the zadokite priesthood in the period of the second temple (515 BCE).

Keywords: Priesthood; Josiah Reform.

¹ Bacharel em Teologia pela Universidade Presbiteriana Mackenzie. Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo. E-mail: rogeriocomlima@gmail.com

A Reforma de Josias no VII século AEC

Antes de discutirmos os levitas e sacerdotes no VII século AEC, é preciso comentarmos a respeito do pano de fundo histórico do período, que é a reforma cultural promovida pelo rei Josias em 622 AEC.

O grande poder político na região nesse período era a Assíria. Os assírios conseguiram dominar desde o Elam no extremo leste até o Egito no extremo oeste. Mas, já na metade do século VII AEC, esse controle político começa a declinar. Os últimos anos do rei Assurbanipal (668 – 631 AEC) tornou-se caótico, pois, brigas internas pela sucessão provocaria uma crise envolvendo a classe dirigente, nas finanças da corte e o exército. Além disso, problemas externos envolvendo conflitos com o nascente império babilônico também enfraqueciam os assírios.

Aproveitando-se do vácuo deixado pelos assírios que não tinha mais forças suficientes para controlar suas antigas províncias subjugadas, Josias enxergou uma oportunidade de rever antigos territórios perdidos e fortalecer politicamente e economicamente seu reinado em Judá.

Em II Rs 22 – 23,20 relata –se que no 18º ano de seu reinado em Judá foi encontrado no templo de Jerusalém pelo sumo sacerdote Helcias um chamado “livro da lei”, provavelmente uma parte do livro do Deuteronômio. A partir desse achado, o rei tomou várias medidas, eliminando lugares de cultos populares (*bamot*) no norte israelita e em Judá, além de tomar medidas drásticas para centralizar o culto em Jerusalém. A política expansionista do rei Josias tem como pressupostos ideológicos da sua reforma os seguintes pontos:

Um só deus – YHWH²

Um só templo – Em Jerusalém

Uma só dinastia – Davídica

Um só povo – Israel/Judá

² Preferimos em nossa pesquisa colocar somente as consoantes do nome do deus bíblico para evitarmos discussões a respeito do nome da divindade, que não é assunto de nosso artigo. As principais traduções bíblicas em língua portuguesa traduzem o tetragrama consonantal como “Yahweh”, “Javé” ou “Senhor”.

Israel norte já tinha um século antes sido destruído pelos assírios. Controlar novamente esses territórios era a maneira que Josias almejava para aumentar seu poder e reinar sobre o antigo reino do norte Israel e Judá ao sul.

Porém, alguns estudiosos colocam em dúvidas se há evidências de uma reforma cultual no VII século AEC como narrado em II Reis 23, 1- 20. Júlio Zabatiero³ por exemplo, contesta essa tese dizendo que não existe no próprio testemunho do livro de Reis nenhuma afirmação explícita para afirmar tal reforma. Zabatiero afirma ainda que a historicidade da reforma cultual josiânica é mais uma interpretação erudita de estudiosos baseada na leitura do Deuteronômio e na interpretação da ação de Josias descritas em II Reis que uma realidade histórica do VII século AEC. A tese de Zabatiero também se apoia na arqueologia e nos seus resultados ambíguos sobre o problema discutido. Embora não neguem a reforma de Josias no VII AEC, Finkelstein e Silberman⁴ dizem que a arqueologia tem tido pouco avanço em fornecer informações para sustentar a teoria da reforma josiânica. Ainda, segundo Finkelstein e Silberman, um dos centros mais importantes de culto no reino do norte, Betel, e um dos primeiros alvos de Josias, ainda não foi encontrado. Apenas um templo em Arad foi achado pelas escavações e o fechamento desse santuário no período do reinado de Josias é debatida. Juha Pakkala⁵ se posicionando também contra a historicidade da reforma no século VII AEC aponta alguns problemas no testemunho de II Reis 23. Para o estudioso, exceto o livro de II Reis, nenhuma outra obra da Bíblia Hebraica faz alguma referência a reforma. Nenhuma alusão em livros proféticos do pós-exílio pode se detectar alguma influência, além da comunidade de Elefantina no Egito⁶ que demonstra não ter tido nenhum impacto na forma de culto estabelecido por Josias. Para Pakkala, os relatos de II Reis sobre a reforma cúltica é muito mais projeções posteriores do período pós-exílico, num tempo que não havia mais reis em Jerusalém e que novas ideias a respeito do culto precisavam ser legitimadas. Para o estudioso, a verdadeira reforma e introdução de novas compreensões cúlticas aconteceram depois da destruição de Jerusalém em 587 AEC.

³ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma História Cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013, p. 191-196.

⁴ FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia Não Tinha Razão*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003, p. 386-388.

⁵ PAKKALA, Juha. *Why the Cult Reforms in Judah Probably Did Not Happen* in: KRATZ Reinhard G. SPICKERMANN, Hermann. *One God, One Cult, One Nation: Archaeological and Biblical Perspectives*. Berlin/New York: De Gruyter, 2010, p. 201 – 223.

⁶ Sobre a colônia militar de Elefantina no Egito ver: GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no Tempo dos Persas: Séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2014, p. 136- 149.

Em contrapartida, outros pesquisadores optam por defender a ideia de que a reforma de Josias realmente aconteceu no VII AEC. Embora conscientes que II Reis 22-23 faz parte da chamada Obra Historiográfica Deuteronomista⁷, de forte cunho ideológico de escribas ligados ao sul, Judá, preferem defender a hipótese que esse momento foi crucial para transformações no âmbito religioso e político em Jerusalém⁸ e defendem criticamente o acontecimento.

Para nós, embora cientes das discussões referidas acima, a reforma do rei Josias no VII século AEC aconteceu com o apoio de sacerdotes e escribas ligados ao templo que apoiaram a iniciativa do rei e sua ideologia de centralização. Não temos razões para defender uma invenção tardia de uma suposta reforma. Defendemos que a narrativa do encontro do livro da lei no templo de Jerusalém propiciou a Josias legitimar a sua reforma. Esse livro da lei provavelmente já era um “proto-deuterônômio”, que chegou ao reino do sul provavelmente por refugiados do reino do norte no tempo de Ezequias (716-687 AEC), após a destruição de Israel pelos assírios. A partir de Josias começou-se a contar a história de Israel com a ferramenta ideológica discursiva de que YHWH escolheu Jerusalém para habitar, e “abençoou” a casa de Davi. Diversos acréscimos foram feitos a esse “proto-deuterônômio” e posteriormente com influência do livro do Deuterônômio surgiu a Obra Historiográfica Deuteronomista⁹. Essa obra tinha como finalidade reforçar o programa de centralização política e religiosa de Jerusalém e seu templo. Com os pressupostos ideológicos da reforma cultural de que Jerusalém é o único lugar legítimo de culto e a casa de Davi, e conseqüentemente seus descendentes como Josias foram escolhidos por YHWH, ambos ganhariam, “a coroa e o clero”.

Mas a reforma não poderia acontecer sem conflito. O que fazer com os antigos sacerdotes que atuavam nos santuários do interior de Judá e nos lugares de culto no reino do norte, Israel. II Reis 23, 9 diz¹⁰:

⁷ Na pesquisa bíblica científica costuma-se chamar de Obra Historiográfica Deuteronomista os livros de Josué, Juízes, I Samuel, II Samuel, I Reis e II Reis. Esses livros são influenciados pela teologia do livro do Deuterônômio e neles se encontram os pressupostos ideológicos da reforma josiânica.

⁸ Para o enriquecimento do debate ver: LOWERY, R.H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. São Paulo: Paulinas, 2004, p. 281-282. Do ponto de vista da História Social ver: KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009, p. 136-153.

⁹ A própria Obra Historiográfica Deuteronomista sofreu diversas redações posteriores após o tempo de Josias. Sobre isso ver: RÖMER, Thomas. *A chamada História Deuteronomista: Introdução Sociológica, Histórica e Literária*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008, p.71-165.

¹⁰ Toda citação de texto bíblico desse trabalho é da Bíblia de Jerusalém.

“Mas os sacerdotes dos lugares altos não podiam subir ao altar de YHWH em Jerusalém; comiam, porém, pães sem fermento no meio de seus irmãos”.

O texto aponta uma subordinação dos sacerdotes dos cultos populares e do interior ao sacerdócio do centro judaíta, no templo de Jerusalém, dizendo que eles “não poderiam ter acesso ao altar de YHWH”. Esse é ponto inicial para futuros conflitos em busca de poder no templo que vai aparecer em alguns textos da Bíblia Hebraica.

Mas quem eram esses sacerdotes que atuavam nos lugares altos? E quem atuava em Jerusalém? É o que veremos no nosso próximo tópico.

Levitas dos Lugares Altos e Sacerdotes Sadoquitas de Jerusalém

As tradições dos levitas devem ser pesquisadas e analisadas a partir do reino do norte Israel. Antigas tradições ligadas a Efraim mostram que eles eram itinerantes desenvolvendo funções sacerdotais em vilas e santuários locais (Jz 19-20). Também esses levitas gozavam de certos prestígios (Jz 17,13).

Algumas tradições israelitas foram incorporadas na Bíblia Hebraica e posteriormente retrabalhadas por escribas judaítas. Quando o reino do norte foi destruído pelos assírios em 722 AEC, muitos refugiados foram para o vizinho Judá ao sul. Provavelmente os levitas que atuavam em locais de cultos em Betel, Dã e Peniel levaram consigo as histórias ligadas ao reino de Israel. Esses levitas foram responsáveis pelas tradições na Bíblia Hebraica do Ciclo de Jacó, da tradição do Êxodo, dos Livros dos Salvadores de Juízes e de tradições positivas a respeito do rei Saul encontrados no livro de I Samuel e de histórias de profetas como Elias e Eliseu. Nessas narrativas, aparecem forte perspectiva do reino do norte e que “escapa” do olhar ideológico dos escribas deuteronomistas que, como explicamos, eram ligados a Jerusalém no sul e sua ideologia de centralização. Se nossa afirmação está correta, por que os escribas e sacerdotes ligados ao sul não retiraram essas tradições do norte, já que Israel estava destruído? Provavelmente foram mantidos para manter uma identidade “única” entre israelitas refugiados e judaítas em Jerusalém debaixo do controle da casa davídica¹¹.

¹¹ Sobre as tradições de Israel e a relação com Jerusalém ver: FINKELSTEIN, Israel. O Reino Esquecido: Arqueologia e História de Israel Norte. São Paulo: Paulus, 2015, p. 171-182.

William M. Schniedewind¹² afirma que detalhes históricos como campanhas militares, projetos de edificações, extensões dos reinos, foram extraídos de arquivos reais provenientes do norte. Assim, acreditamos que os levitas ligados à corte de Israel e a santuários populares foram os responsáveis por levar essas tradições “positivas” a respeito do reino do norte. Foram usados posteriormente pela ideologia dos deuteronomistas para talvez “agradar” antigos moradores do norte em Jerusalém.

Os sacerdotes sadoquitas que atuavam em Jerusalém eram legitimados por uma “narrativa fundante” na saga de Salomão em que aparece a figura do personagem Sadoc. Em I Sm 8, 15-18 aparece o nome de dois personagens com funções sacerdotais: Abimelec, filho de Abiatar e Sadoc, filho de Aquitob. Abiatar era sacerdote do norte de Israel, como relatado em I Sm 22, 19-20. Já a origem de Sadoc é mais misteriosa. Alguns estudiosos argumentam que Sadoc era um sacerdote jebuseu da cidade canaanita de Jerusalém e quando Davi conquistou essa cidade manteve o corpo burocrático.

Segundo Frank Moore Cross¹³, Davi estabeleceu sacerdotes para manter relações diplomáticas tanto com o reino do norte (Abiatar) como para Jerusalém (Sadoc). Embora Cross esteja preso a um esquema cada vez mais debatido na pesquisa bíblica científica de “monarquia unida”¹⁴, na qual Davi reinou conjuntamente sobre os reinos do norte Israel, e sul Judá, poderia ser plausível a ideia de que Sadoc foi autorizado por Davi para continuar como sacerdote em Jerusalém após o monarca conquistar a cidade.

Nos episódios da sucessão ao trono davídico, Sadoc é visto positivamente pelos deuteronomistas, enquanto os levitas ligados aos lugares de culto de Israel são vistos negativamente. Uma narrativa interessante para a nossa argumentação é o texto que se encontra em I Sm 2, 27-36. Nessa passagem relata-se um oráculo contra a casa de Eli, sacerdote descendente de Aarão, ou seja, de linhagem levítica. Um homem de deus diz que a família de Eli seria destituída por YHWH do sacerdócio. E que uma outra família sacerdotal ganharia o direito de “gerenciar” o culto. Os versículos 35-36 assim diz:

¹² SCHNIEDEWIND, William M. *Como a Bíblia Tornou-se um Livro*. São Paulo: Edições Loyola, 2011, p.110-113.

¹³ CROSS, Frank Moore. *Canaanite Myth and Hebrew Bible: Essays in the History of the Religion of Israel*. London: Harvard University Press, 1973, p. 207-215.

¹⁴ Para o debate a respeito da historicidade da monarquia unida sob poder de Davi e Salomão na perspectiva da arqueologia ver: FINKELSTEIN, Israel; MAZAR Amizai. *The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel*. Boston: Brill. 2007.

Farei surgir um sacerdote fiel, que procederá conforme o meu coração e o meu desejo, e lhe construirei uma casa estável, e ele andará sempre na presença de meu ungido. E todo aquele que sobreviver da tua casa virá se prostrar diante dele para conseguir uma moedinha de prata ou um naco de pão, e dirá: “Rogo-te que me dê uma função sacerdotal, para que eu possa ter um pouco de pão para comer”.

Esse texto deixa claro a intenção do escriba deuteronomista pertencente a corte de Josias de legitimar Sadoc em detrimento dos levitas. Essa sentença contra a casa de Eli vai acontecer posteriormente na narrativa de sucessão do rei Davi. Nesse episódio, dois grupos são descritos disputando o poder real: Adonias, Joab e o sacerdote levita Abiatar de um lado e do outro o sacerdote Sadoc, Banaías, Natã, Semei, Betsabeia e Salomão. Em I Reis 1,28-40 Sadoc unge a Salomão rei. Em I Reis 2,26-35 Salomão exclui Abiatar do sacerdócio, pois este tinha apoiado seu irmão e rival ao trono Adonias e oficializa Sadoc como único sacerdote em Jerusalém.

Não restam dúvidas que essas narrativas são construções ideológicas depois da reforma josiânica para legitimar a supremacia do sacerdócio dos descendentes de Sadoc ligados ao sul em relação aos levitas que atuavam no norte de Israel e que no texto, é simbolizado pelo personagem Abiatar. A construção do enredo reflete muito mais um período depois de Josias do que o período de Salomão. Essas narrativas seriam os “mitos fundantes” para legitimar a supremacia do sacerdócio sadoquita. Como bem argumentou Thomas Römer¹⁵, Josias assumiu o trono judaíta com oito anos. Isso significava que o poder real estava fortemente influenciado por sacerdotes, escribas ligados ao templo. Centralizar o culto em Jerusalém era colocar o poder religioso nas mãos de um número menor de sacerdotes e deslegitimar um número maior de outros sacerdotes rivais.

A Construção da Hierarquização do Poder Religioso em Jerusalém nos Séculos VI/V AEC e a Crise entre Levitas e Sacerdotes

No VI AEC Jerusalém foi destruída pelos babilônios que substituíra o controle assírio na região. A maioria da burocracia ligada ao palácio real e ao templo de Judá

¹⁵ RÖMER, p. 74-75.

foram levados cativos. Mário Liverani¹⁶ afirma que entre aqueles que foram levados para a Babilônia, certamente sacerdotes sadoquitas tinham um papel de liderança. Ez 11,22-25 demonstra que entre os exilados (*golah*) existia uma forte ideologia da presença de YHWH com os que estão no exílio. Vejamos o texto¹⁷:

Então os querubins ergueram as asas, enquanto com eles, ao seu lado, iam as rodas, e a glória do deus de Israel estava por cima, sobre eles. A glória de YHWH elevou-se do meio da cidade e pousou em cima do monte que ficava para o oriente. O espírito ergueu-me e trouxe-me para junto dos caldeus, aos exilados, em uma visão enviada pelo espírito de deus, enquanto a visão de que eu fora testemunha se afastou de mim. Aí contei aos exilados tudo aquilo que YHWH me mostrara.

Essa consciência ilustrada pela visão do profeta e também pelos exilados vai acarretar conseqüentemente em uma separação entre aqueles que foram/aqueles que ficaram. Aqueles que foram são os que participam da “correção divina”. Entre aqueles antigos funcionários da corte e do culto de Jerusalém nasce uma nova identidade de pertencimento. Essa identidade é fechada e legitimadora. Aqueles que ficaram em Jerusalém e não foram para a Babilônia são povos que não se deve misturar (Esd 9). Ez 44, 10-14 faz uma clara condenação aos levitas que atuavam nos lugares altos:

Quanto aos levitas que se afastaram de mim, quando Israel se desviou de mim para ir após os seus ídolos imundos, eles levarão sobre si sua culpa. Continuarão no meu santuário, encarregados dos serviços de guarda das portas do templo e farão o serviço do templo. Matarão as vítimas para o holocausto e para o sacrifício pelo povo e estarão postados junto dele para o seu serviço. Contudo, visto que estiveram a seu serviço diante dos seus ídolos imundos, tornando-se motivos de tropeço para a casa de Israel, jurei solenemente – oráculo do Senhor YHWH – que levarão sobre si sua culpa. Com efeito, não tornarão a aproxima-se de mim para exercerem o meu sacerdócio, nem tocarão em nenhuma das minhas coisas santas, nem das coisas santíssimas: levarão antes sobre si o opróbrio e as abominações que praticaram. Farei deles ministros encarregados do serviço do templo, confiando-lhes as tarefas que nele se executam.

Para o período do segundo templo (a partir de 515 AEC), o juízo determinará que esses levitas serão apenas encarregados de serviços gerais. Já com o sacerdócio sadoquita, que participou do “castigo de YHWH”, Ez 44, 15-31 afirma que eles

¹⁶ LIVERANI, Mário. *Para Além da Bíblia: História Antiga de Israel*. São Paulo: Paulus/Lyola, 2008, p. 407-412.

¹⁷ Ver também Ez 10, 18-22.

ocuparão o serviço principal do templo, terão direitos particulares sobre as oferendas e instruirão o povo. Com isso, para Ezequiel que está no exílio e entre os exilados, o sacerdócio legítimo para dirigir o templo de Jerusalém no período pós-exílico são os descendentes de Sadoc. Os levitas tornam-se meros subordinados (Cf. I Cr 23,27-32).

Em Nm 3, 5- 10 legitima-se essa hierarquização dizendo que os levitas devem obedecer a Aarão:

Yahweh Falou a Moisés e disse: “Faze chegar a tribo de Levi e põe-na à disposição de Aarão, o sacerdote: eles estarão a seu serviço. Encarregar-se-ão dos deveres que lhe pertencem, bem como os deveres de toda a comunidade, na Tenda da Reunião, ao ministrarem na Habitação. Cuidarão de todos os utensílios da Tenda da Reunião e encarregar-se-ão daquilo que compete aos israelitas, ao ministrarem na Habitação. Darás, pois, a Aarão e a seus filhos os levitas, como ‘doados’, eles lhe serão doados pelos israelitas. Registrarás Aarão e seus filhos, que desempenharão o seu ofício sacerdotal. Porém, todo profano que se aproximar será punido de morte”.

O texto é claro. Ao colocar os levitas como “doados”, legitima-se a subordinação ao sacerdócio sadoquita, que após 587 AEC, se consideravam os verdadeiros descendentes de Aarão. Porém, essa afirmação é tardia, pois Aarão e seus descendentes são levitas ligados ao culto do reino do norte, Israel. Com a destruição do reino do norte pelos assírios e posteriormente a derrocada do reino do sul e da dinastia davídica em Judá, no exílio, o clero sacerdotal precisava legitimar sua linhagem “sacra” para exercer os trabalhos referentes ao culto entre os exilados e posteriormente em Jerusalém¹⁸.

Dois textos chave destacaremos para demonstrar os conflitos que foram gerados nesse período de transição e hierarquização entre levitas e sacerdotes. O primeiro texto se encontra em Nm 16, bloco que conta a história das revoltas de Coré, Datã e Abiram. Coré, que é levita, questiona Aarão e seu sacerdócio. Os v. 4-11 diz assim:

¹⁸ Ver I Cr 6,38; 24.

“Moisés, ouvindo isso, prostrou-se com a face em terra. Depois disse a Coré e a todo o seu grupo: amanhã cedo YHWH fará conhecer quem é dele e qual é o homem consagrado que ele permitirá aproximar-se dele. Aquele que ele fizer aproximar-se dele, esse é aquele que ele escolheu. Fazei, pois, isto : tomai os incensórios de Coré e de todo o seu grupo, ponde neles fogo e, amanhã, deitai sobre o fogo o incenso, diante de YHWH. Aquele que YHWH escolher, esse é o homem que lhe é consagrado. Isto vos é suficiente, filhos de Levi. Moisés disse a Coré: ouvi, agora, filhos de Levi! Acaso é muito pouco para vós que o Deus de Israel vos haja separado da comunidade de Israel, trazendo-vos para perto dele, a fim de fazerdes o serviço da Habitação de YHWH, colocando-vos diante desta comunidade para ministrardes em seu favor? Ele te chamou para perto dele, tu e contigo todos os teus irmãos, os levitas, e além disso ambicionais o sacerdócio! Vós conspirastes contra YHWH, tu e teu grupo: quem é Aarão, para que murmureis contra ele?”

A revolta de Coré ilustra situações do pós-exílio e os conflitos entre sacerdotes sadoquitas de Jerusalém e levitas oriundos do norte, e não dos personagens da narrativa. Um historiador conhecedor dos períodos e dos processos históricos de Israel percebe e consegue datar os blocos narrativos e identificar sua provável intenção e problemática. Lendo com essa perspectiva, percebemos que o texto acima citado aponta problemas do período do redator final, de quem organizou ou compôs os textos. Não devemos ler esse bloco narrativo como se fossem “histórias factuais” no sentido moderno e acharmos que refletem problemas de um tempo distante do século XII AEC, de personagens como Moisés e Aarão. Para nossos objetivos exegéticos, essa narrativa de Nm 16 reflete problemas do século V AEC.

Segundo o texto de Nm 16, se levantar contra o sacerdócio aaronita é ser julgado pelo próprio YHWH, e punido por ele (Nm 17,5), uma sustentação ideológica da casa sacerdotal de Jerusalém. Esses discursos encontrados na Bíblia Hebraica sempre usam o nome do sagrado para fortalecer algumas ideologias. Isso é fato quando analisamos a ascensão de monarcas como Davi¹⁹ e também quando verificamos que os conflitos em relação ao templo e ao controle da religião corresponde a essas análises. O sagrado se torna uma peça chave para sustentação de certas ideias.

Um outro episódio que podemos destacar está no livro do profeta Malaquias. Esse livro, que pode ser datado no V século AEC faz duras críticas ao sacerdócio no templo no período após o retorno dos exilados para Jerusalém. Esses sacerdotes são

¹⁹ Ver II Sm 7.

acusados de trazer alimento impuro (1,6-8) e corromper o culto. Por causa dessas negligências, deixam de agraciar os empobrecidos (3,5). Provavelmente Malaquias representava um grupo “pró-levítico” e “ante-sadoquita”. Para o profeta, a aliança de YHWH foi com a casa de Levi, e eles eram responsáveis por ensinar os estatutos de YHWH (2,5-7). Os sadoquitas, segundo a sentença de Malaquias “se desviaram do caminho” quebrando a aliança de YHWH com Levi (2,8). Malaquias nos mostra que no V século AEC havia ainda disputas entre grupos levitas e sadoquitas pelo controle religioso no templo de Jerusalém.

Considerações finais

Nossa pesquisa procurou demonstrar os conflitos envolvendo a religião e as disputas para a dominação ideológica do culto em Jerusalém dos séculos VII/V AEC. Muito dessas disputas começaram no tempo de Josias, que centralizou o poder religioso no templo de Jerusalém e, desse modo, deslegitimou antigos lugares de cultos populares do antigo reino do norte, Israel.

Josias almejava centralizar o poder político e religioso em suas mãos, com apoio de sacerdotes sadoquitas. Com a destruição do reino do norte e de seus lugares de culto, muitos sacerdotes levitas ficaram sem locais para atuarem. Josias permitiu alguns deles fazerem seus serviços no templo de Jerusalém, contudo, subordinados aos sadoquitas. Essa subordinação gerou conflitos por legitimidade, como demonstrados em nossa pesquisa. No período do segundo templo (515 AEC) a dinastia davídica tinha sido destruída e era uma mera recordação. Debaxo do controle persa, sacerdotes sadoquitas acabaram controlando o templo. Em uma época sem rei, controlar o templo era controlar a política e a religião.

Para os sadoquitas, era fundamental legitimar os seus discursos ideológicos e derrotar no campo discursivo os concorrentes, e com isso, controlar o culto. Ser o legítimo descendente de Aarão e ser uma família sacerdotal “abençoada” por YHWH foram construções discursivas que acabaram levando os sadoquitas ao poder.

Referência

CROSS, Frank Moore. *Canaanite Mith and Hebrew Bible: Essays in the History of the Religion of Israel*. London: Harvard University Press, 1973.

FINKELSTEIN, Israel. *O Reino Esquecido: Arqueologia e História de Israel Norte*. São Paulo: Paulus, 2015.

FINKELSTEIN, Israel; MAZAR Amizai. *The Quest for the Historical Israel: Debating Archaeology and the History of Early Israel*. Boston: Brill, 2007.

FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil Asher. *A Bíblia Não Tinha Razão*. São Paulo: A Girafa Editora, 2003.

GERSTENBERGER, Erhard S. *Israel no Tempo dos Persas: Séculos V e IV antes de Cristo*. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

KESSLER, Rainer. *História Social do Antigo Israel*. São Paulo: Paulinas, 2009.

LIVERANI, Mário. *Para Além da Bíblia: História Antiga de Israel*. São Paulo: Paulus/Lyola, 2008.

LOWERY, R.H. *Os Reis Reformadores: Culto e Sociedade no Judá do Primeiro Templo*. São Paulo: Paulinas, 2004.

PAKKALA, Juha. *Why the Cult Reforms in Judah Probably Did Not Happen in: KRATZ Reinhard G. SPICKERMANN, Hermann. One God, One Cult, One Nation: Archaeological and Biblical Perspectives*. Berlin/New York: De Gruyter, 2010.

RÖMER, Thomas. *A chamada História Deuteronomista: Introdução Sociológica, Histórica e Literária*. Petrópolis/RJ: Vozes, 2008.

SCHNIEDEWIND, William M. *Como a Bíblia Tornou-se um Livro*. São Paulo: Edições Loyola, 2011.

ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. *Uma História Cultural de Israel*. São Paulo: Paulus, 2013.